



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS, COMUNICAÇÃO E ARTES/ICHCA
CURSO DE JORNALISMO

RELATÓRIO TÉCNICO DE TRABALHO
DE CONCLUSÃO DE CURSO

**JORNALISMO NEGRO: UMA ANÁLISE A PARTIR DAS EXPERIÊNCIAS
DE JORNALISTAS ALAGOANAS**

ORIENTADOR: Vitor José Braga Mota Gomes

LÍCIA PRISCILA DE LIMA

MACEIÓ-AL
2024

LÍCIA PRISCILA DE LIMA

**JORNALISMO NEGRO: UMA ANÁLISE A PARTIR DAS
EXPERIÊNCIAS DE JORNALISTAS ALAGOANAS**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de Jornalismo, da
Universidade Federal de Alagoas (UFAL)
Campus A.C. Simões, requisito parcial
para obtenção do diploma.

Orientador: Prof. Dr. Vitor Braga

MACEIÓ- AL
2024

Catálogo na Fonte
Universidade Federal de Alagoas
Biblioteca Central
Divisão de Tratamento Técnico

Bibliotecário: Sâmela Rouse de Brito Silva – CRB-4 – 6023

L732j Lima, Lícia Priscila de.
Jornalismo negro: uma análise a partir das experiências de jornalistas alagoanas / Lícia Priscila de Lima. – 2024.
12 f.

Orientador: Vitor José Braga Mota Gomes.
Relatório (Trabalho de conclusão de Curso em Jornalismo) – Universidade Federal de Alagoas. Instituto de Ciências Humanas, Comunicação e Artes. Maceió, 2024.

Bibliografia: f. 13.

1. Jornalismo e etnia. 2. Representatividade na mídia. 3. Jornalismo. I.
Título.

CDU: 072.5

Folha de Aprovação

LÍCIA PRISCILA DE LIMA

JORNALISMO NEGRO: UMA ANÁLISE A PARTIR DAS EXPERIÊNCIAS DE JORNALISTAS ALAGOANAS

Relatório Técnico submetido ao corpo docente da Universidade Federal de Alagoas (UFAL), como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel em Jornalismo.

Banca Examinadora:

Orientador: Dr. Vitor José Braga Mota Gomes
(Universidade Federal de Alagoas)

Lídia Maria Marinho da Pureza Ramires (Examinadora interna)

Rosa Lucia Lima da Silva Correia (Examinadora externa)

AGRADECIMENTOS

Ao finalizar essa fase carrego o sentimento de imensa gratidão a Deus por ter me guiado durante todos os processos da graduação, sobretudo neste momento de conclusão do curso. Agradeço em especial a minha mãe, Luzinete, que infelizmente não irá presenciar em vida o fechamento de um ciclo tão importante para mim, mas que tenho certeza, estará vibrando por mim onde estiver. Junto a ela, agradeço ao meu pai, Benedito, que me apoiou e deu todo o suporte para que eu conseguisse chegar até aqui, meu coração enche de gratidão por poder dar esse orgulho á vocês. Além dos meus pais agradeço também aos meus irmãos e sobrinhos, pela paciência e suporte.

Além da minha família, agradeço aos amigos que fui conquistando ao longo do curso, em especial aos amigos de turma Natália, Imarlan e Lucas, que se tornaram parceiros na maioria das atividades, aflições e conquistas do curso. Além deles, outros laços também foram criados com alunos de outras turmas e cursos, agradeço a todos eles também, mas cito em especial meus amigos de profissão e de vida, Douglas e Bianca por tornarem a graduação mais leve e serem amigos de todas as horas.

Não poderia deixar de agradecer a todos os professores de comunicação que tiveram um papel importantíssimo na minha formação acadêmica, em especial o professor Vitor Braga, que em meio aos obstáculos que me impediam de dar prosseguimento a produção deste trabalho, aceitou a orientação e foi de um suporte excelente, atribuindo a ele também o sucesso da entrega deste produto.

Por fim agradeço a mim, por ter persistido na caminhada pelo tão sonhado diploma. Não foi fácil, pandemia, greve, diagnóstico, inúmeros momentos onde pensei em desistir, mas ao final o esforço é recompensado. Valeu a pena!

RESUMO

Este relatório é resultado da produção de uma reportagem multimídia, que tem como intuito analisar a vida e perspectivas das experiências pessoais e profissionais de jornalistas negras no estado de Alagoas. A partir da coleta de dados nacionais e locais, buscamos embasar os relatos apresentados pelas entrevistadas, acerca da experiência dos profissionais de jornalismo no mercado de comunicação alagoano. A reportagem ficou dividida em blocos temáticos, trazendo os números nacionais, e específicos do estado sobre o comparativo salarial, de cargos e de gênero de profissionais pretos. Além dos dados, a matéria contou com relatos das jornalistas, que descreveram suas conquistas, desafios e expectativas de carreira. O referencial teórico teve como base as considerações de Moura e Reis (2019), Fernandes, et al (2016), e Pontal (2016) acerca da estruturação midiática sobre a construção da identidade da população negra; Da luta pelo reconhecimento igualitário entre pretos e brancos, Da falta de mais jornalistas negras em espaços de visibilidade em emissoras de TV, e demais espaços midiáticos, levantando discussões sobre os padrões estereotipados que permeiam a mídia desde o seu surgimento. Para a construção do produto, a metodologia utilizada envolveu a coleta de dados disponibilizados em bases de dados fornecidas pelo IBGE, e Ministério do Trabalho e Emprego (MTE), mediante a solicitação de dados estaduais mais específicos via Lei de Acesso à Informação; e a partir de entrevistas com personagens capazes de representar essas realidades locais. Como resultado, produzimos uma reportagem multimídia e hospedamos em uma plataforma *on-line*. Nessa perspectiva, esperamos que o produto possa apresentar um quadro da realidade das jornalistas alagoanas por meio de estatísticas relevantes, e das visões de cada uma, capazes de evidenciar a qualidade de trabalho dessas mulheres dentro do campo de atuação na esfera estadual.

Palavras-chave: Jornalismo; Raça; Mulheres Alagoanas; gênero.

ABSTRACT

This report is the result of the production of a multimedia report, which aims to analyze the lives and perspectives of the personal and professional experiences of black journalists in the state of Alagoas. Based on the collection of national and local data, we sought to support the accounts presented by the interviewees, about the experience of journalism professionals in the Alagoas communications market. The report was divided into thematic blocks, presenting national and state-specific figures on the salary, position and gender comparisons of black professionals. In addition to the data, the article featured accounts by the journalists, who described their achievements, challenges and career expectations. The theoretical framework was based on the considerations of Moura and Reis (2019), Fernandes, et al (2016), and Pontal (2016) about the media structuring of the construction of the identity of the black population; The struggle for equal recognition between blacks and whites, the lack of more black female journalists in visible spaces on TV stations and other media spaces, raising discussions about the stereotypical standards that have permeated the media since its inception. To build the product, the methodology used involved collecting data made available in databases provided by IBGE and the Ministry of Labor and Employment (MTE), upon request for more specific state data via the Access to Information Law; and from interviews with characters capable of representing these local realities. As a result, we produced a multimedia report and hosted it on an online platform. From this perspective, we hope that the product can present a picture of the reality of female journalists from Alagoas through relevant statistics and the views of each one, capable of highlighting the quality of the work of these women within the field of activity at the state level.

Keywords: Journalism; Race; Women from Alagoas; Gender.

SUMÁRIO

| | |
|--|-----------|
| 1. INTRODUÇÃO..... | 1 |
| 2. OBJETIVO..... | 3 |
| 3 . FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA..... | 4 |
| 4. PROCESSO DE PRODUÇÃO JORNALÍSTICA DO TRABALHO..... | 7 |
| 5. RESULTADOS..... | 9 |
| REFERÊNCIAS..... | 11 |
| APÊNDICE..... | 12 |

INTRODUÇÃO

Por muito tempo, o jornalismo brasileiro foi dominado por homens brancos. No entanto, ao longo dos anos, as mulheres têm conquistado mais espaço nas redações e bancadas dos telejornais, assim como em outros meios de comunicação. Essa jornada tem sido particularmente desafiadora para as mulheres negras, que enfrentam obstáculos ainda maiores. Jornalistas negras renomadas, como a pioneira Glória Maria, abriram caminho para outras como Zileide Silva e Maria Júlia Coutinho, que estão conseguindo mais destaque na TV em um contexto nacional.

Mesmo com alguns avanços, a representação de negras no jornalismo ainda é muito limitada. Percebemos através de um estudo realizado em 2021 pela Associação Brasileira de Jornalismo Investigativo (Abraji)¹ que apenas 20,10% dos profissionais de jornalismo no Brasil se autodeclararam negros - dados alarmantes que evidenciam a falta de diversidade nas redações e a necessidade de ampliar as vozes e perspectivas de mulheres negras na mídia.

Já em Alagoas, de acordo com os dados do painel de Ocupações e Mercado de Trabalho², disponibilizados pelo Ministério do Trabalho e Emprego (MTE), entre 2015 e 2022 observou-se um aumento significativo no número de vínculos empregatícios para jornalistas pretas no estado. No entanto, apesar dessa expansão, a desigualdade salarial entre homens e mulheres continua sendo uma realidade, com os homens recebendo cerca de 7% a mais do que as mulheres, mesmo quando as mulheres estão em maior número. Uma diferença que pode refletir em parte, a menos acessos em cargos de liderança.

Para Gomes (2017), a representação midiática de indivíduos negros está historicamente vinculada a estigmas e estereótipos, como a criminalização ou a exotização, o que reflete uma ausência de controle sobre as narrativas por parte dessa população. O jornalismo, nesse contexto, contribui para reproduzir desigualdades ao não oferecer espaços para a autoafirmação negra.

Neste Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), trataremos uma reportagem multimídia, com áudios, imagens e gráficos, que propõem uma reflexão sobre o tema. Além de realizar a exploração e análise dos dados obtidos pelo IBGE e Ministério do Trabalho e Emprego (MTE), a reportagem contará com o relato de três jornalistas alagoanas: Géssika Costa, que relata sua trajetória chegando a ser uma das 20 jornalistas mais premiadas no Brasil em 2017;

¹Mais detalhes sobre o estudo em:

<https://static.poder360.com.br/2021/11/pesquisa-perfil-racial-da-imprensa-17-nov-2021.pdf>

² Mais detalhes sobre Ocupações e Mercado de Trabalho Formal em: [Microsoft Power BI](#)

Taís Balbino, atual editora do portal Sete Segundos; e Juliana Amaral, integrante da equipe do núcleo de conteúdo das estrelas na Way Model e Star, na cidade de São Paulo.

As três têm em comum a luta para o reconhecimento das mulheres pretas no jornalismo e nas demais esferas da vida. Embora cada mulher seja única, as experiências compartilhadas por elas podem ser identificadas e compreendidas não só por outras colegas de profissão, mas por todas as mulheres que se encaixam nesse perfil, explicando os resultados apresentados.

O interesse pelo tema, parte da minha vontade de trazer para discussão sobre a valorização dos profissionais de comunicação, evidenciando-os como protagonistas e maiores responsáveis pelos resultados alcançados neste trabalho. O objetivo é compreender as condições de trabalho a partir de quem vivencia, expectativas e projeção de cada jornalista, assim não sendo limitado apenas a resultados de pesquisas de dados, ou a visão de quem consome jornalismo no estado.

1. OBJETIVO

Objetivo geral:

- Produzir uma reportagem multimídia, baseada em entrevistas com jornalistas pretas e em dados secundários, para abordar as condições profissionais dessas mulheres em Alagoas.

Objetivos específicos:

- Expor, através de dados, os enfrentamentos e as condições de trabalho de ser uma jornalista negra no Brasil, especialmente no estado de Alagoas;
- Discutir sobre representação e representatividade no jornalismo;
- Abordar, através de entrevistas, as trajetórias dessas mulheres trazendo as experiências da vivência de cada uma no jornalismo diariamente;
- Desenvolver uma série de visualizações a partir dos dados análises: gráficos, tabelas e mapas;
- Desenvolver uma plataforma *online* para hospedar o conteúdo produzido - visual e textual.

2 . FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Nosso trabalho se fundamenta na discussão acerca da representatividade da mulher negra nos espaços de trabalho no Brasil. Conforme apontam Fernandes (*et al.*, 2023), o fato da população negra ser sub-representada no Brasil causa grandes impactos em vários âmbitos sociais, como na mídia e em especial na TV. Ainda de acordo com Fernandes (*et al.*, 2023, p. 520):

(...) apesar de serem maioria numericamente, em termos de representatividade, os negros são excluídos dos espaços de poder, do mercado, das universidades e da própria mídia. O quadro de exclusão dos negros dos espaços de poder se reflete no campo da mídia e, é bem evidenciado na mídia televisiva em que a imagem se apresenta bem expressiva.

Atualmente, é possível notar uma gradual mudança na presença de profissionais negros no telejornalismo e nos cargos de poder dentro desse meio no país. Ao longo dos anos, mulheres têm conquistado espaços que anteriormente eram exclusivamente masculinos, demonstrando uma evolução nesse sentido. No entanto, em Alagoas, alguns jornalistas ainda apontam que há muito a ser feito para alcançar resultados mais satisfatórios dentro da mídia tradicional. “É histórica a luta que os negros travam na sociedade brasileira para conseguir se inserir no mercado de trabalho e ter o mesmo reconhecimento que os brancos” (FERNANDES *et al.*, 2023, p. 522).

Sobrepondo questões raciais, questões de gênero se alinham à problemática da falta de representatividade, uma vez que, se alcançar posições de destaque pode ser desafiador para os jornalistas homens, é ainda mais difícil para jornalistas mulheres e pretas, que enfrentam o racismo estrutural e a desigualdade de gênero. Conforme Portal (2016, p. 4):

Construir uma sociedade em que haja igualdade entre os gêneros é um desafio complexo. O tema vem sendo cada vez mais discutido em congressos, simpósios e conferências em toda a parte do globo. Numa reunião de líderes de países do mundo inteiro, denominada de Cúpula do Milênio, realizada no ano 2000, foram criadas oito metas de desenvolvimento social com a finalidade de serem atingidas em 2015. Entre elas está a meta 3, que se compromete em promover a igualdade entre gêneros e o empoderamento das mulheres.

Assim como em outras profissões, as jornalistas também enfrentam a histórica desigualdade de gênero, seja na quantidade de profissionais empregadas, seja na ocupação dos mais altos cargos no contexto das organizações jornalísticas. De acordo com os dados do Ministério do Trabalho, em 2006, “52% das vagas de jornalista eram ocupadas por mulheres” (CASADEI, s/d. p. 2). No entanto, Portal (2016) aponta que em telejornais há a presença

significativa de homens como âncoras, restando às mulheres papéis na produção e edição (PONTAL, 2016). Diante desse quadro, levantam-se questões dos padrões estereotipados que permeiam a mídia desde o início de sua existência. A ausência de mais pessoas negras e de políticas governamentais que promovam a diversidade reforça a falta de representatividade e o direito à autonomia de todas as raças, sem discriminação.

Embora o jornalismo não deva ser condicionado pela cor da pele ou estrutura do cabelo, o padrão estético global adotado - orientado para um traço europeu (Sodré, 2002) - levanta questionamentos sobre a não aceitação da própria identidade cultural e social. Sodré (2002) aponta ainda que o jornalismo, como parte das indústrias culturais, opera dentro de um sistema que privilegia determinadas estéticas e narrativas em detrimento de outras. Essa forma de privilegiar reflete uma hierarquização simbólica que reforça estereótipos e invisibiliza identidades fora de um padrão dominante. Essa lógica é perpetuada por estruturas que vinculam beleza, competência e credibilidade a padrões eurocêntricos, dificultando a inclusão plena de profissionais negras.

Para Ribeiro (2016), a falta de um olhar crítico na discussão sobre questões raciais tem contribuído para invisibilizar as mulheres negras e suas lutas, dificultando o caminho de se tornarem sujeitos políticos. Ainda, conforme Moura e Reis (2019, p. 9):

A construção midiática que centraliza a informação, e os autores do discurso, precariza o processo de construção da identidade da população negra. Em relação a mulher negra esse processo é mais violento e desintegrante, haja vista que o racismo acompanhado do machismo gera desigualdades em nível econômico, social e político.

Para que haja uma reestruturação, nesta cultura construída ao longo do anos, é necessário que aconteça o que apontamos como representatividade. “Segundo o dicionário representatividade deriva do termo representativo que ‘diz-se de um organismo a que se reconhece o direito de representar uma comunidade, uma nação’, ou ainda a ‘pessoa, figura representativa, a que se distingue em sua classe’” (MOURA & REIS, 2019, p. 10).

Sobre a discussão acerca da representatividade, Portal (2016) comenta que foi realizado um estudo sobre a representatividade da mulher negra no telejornalismo e analisou como os espectadores afirmaram preferir as mulheres brancas com cabelo liso na apresentação das notícias. Ao questionar as jornalistas brancas, foi percebido como o mito da democracia racial impede o reconhecimento da existência do racismo (Portal, 2016).

Nessa perspectiva, é necessário um olhar crítico sobre os lugares em que os jornalistas pretos estão inseridos. “O telejornal de maior audiência do país, ao longo de 10 anos, num

universo de 72 jornalistas, tem apenas 3 (três) jornalistas negras”, como apontam Fernandes e colegas (2023, p. 543).

Diante disso, Fernandes (*et al.*, 2023) concluem que o racismo está presente de forma estrutural na sociedade brasileira, especialmente no campo midiático. Isso significa que as regras e normas estabelecidas pela mídia, principalmente pelos conglomerados midiáticos, mantêm uma ordem que beneficia a hegemonia branca e heteronormativa, excluindo corpos que não se encaixam nesses padrões dominantes. Essa exclusão é uma forma de racismo institucional, que perpetua a desigualdade e discriminação baseadas na cor da pele e na orientação sexual.

3. PROCESSO DE PRODUÇÃO JORNALÍSTICA DO TRABALHO

Ao definir o tema de estudo, automaticamente me veio à mente minha primeira entrevistada, contato já conhecido por meio da experiência local de mercado. Com a primeira fonte definida, fui em busca de outras histórias. Inicialmente, com auxílio de pesquisas e de profissionais na área, foram levantados os contatos de mais quatro personagens, mas que ao final, por questões de logística e falta de respostas, utilizei como objeto de estudo apenas duas delas.

Com os personagens definidos, foi realizada a produção das pautas. As perguntas foram norteadas de forma biográfica, trazendo vivências enquanto universitárias, e após suas formações, em suas caminhadas profissionais, levantando os seguintes tópicos: Representatividade, desafios e conquistas.

O primeiro contato com as jornalistas foi feito de maneira eficiente através do aplicativo de mensagens WhatsApp. Foi oferecida a opção de respostas por áudio, visando facilitar o retorno das entrevistadas. Para os áudios mais extensos, utilizei o bot ViraTexto, uma Inteligência Artificial (I.A.) especializada em decupagem de áudios via WhatsApp, e o GoodTape para áudios que ultrapassaram os 4 minutos de duração. Além dos relatos, solicitei fotos das personagens para enriquecer a reportagem, uma vez que o contato presencial se mostrava inviável devido à residência atual de uma delas e às nossas respectivas rotinas. Foi estipulado um prazo de até cinco dias após o envio das perguntas para que as entrevistadas pudessem fornecer suas respostas.

Em paralelo às transcrições das entrevistas, foi realizada a busca de dados secundários que evidenciam a realidade dos jornalistas brasileiros. Para isso, foram utilizados os dados fornecidos através da pesquisa “Perfil Racial da Imprensa Brasileira” realizada pela Associação Brasileira de Jornalismo Investigativo (Abraji), com o apoio do Instituto CORDA – Rede de Projetos e Pesquisas I’MAX, e do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Outras informações foram obtidas pelo Ministério do Trabalho e Emprego (MTE), cujos dados podem ser obtidos via Lei de Acesso à Informação (LAI). As informações obtidas através da LAI facilitam a compreensão detalhada do tema; porém, embora os dados sejam fornecidos de acordo com o protocolo, o tempo de espera pela resposta chega a até 20 dias - o que pode atrasar o andamento da produção.

Em posse dos dados, o próximo passo foi o tratamento, aplicando fórmulas para obter resultados quantitativos, para isso utilizamos o Google Sheet. Em relação aos gráficos, a

atividade foi feita através do *software* on-line Datawrapper³, escolhido por sua praticidade e eficiência no resultado. O Datawrapper é uma ferramenta *online* ideal para criar gráficos interativos. Fácil de usar, mesmo para infográficos e ilustrações mais elaboradas, é uma opção prática que dispensa conhecimentos em programação para manipular os gráficos.

Foram produzidos 9 gráficos pelo Datawrapper. Todos foram utilizados ao longo do texto, inseridos de acordo com o segmento proposto pela pauta. Na reportagem, os gráficos feitos através do Datawrapper se destacam pela interatividade. A escolha da paleta de cores foi escolhida em tons de marrons, para que se assemelhasse à pauta.

Durante o processo de redação da reportagem, todos os materiais foram registrados no Google Docs, garantindo assim um acesso rápido aos arquivos e a segurança dos documentos armazenados na nuvem. Após finalizar a escrita na plataforma, foi realizada uma revisão minuciosa do texto, sendo feitos diversos ajustes. Em seguida, a edição da reportagem foi feita, já pensando em como ela seria reproduzida no Medium⁴.

Assim, após selecionar as fotos e áudios e decidir onde cada um deles estaria localizado, a reportagem ficou completa com um total de 11 fotos, que foram distribuídas pensando em ilustrar cada momento de vida das entrevistadas ao decorrer da reportagem, de acordo com a disponibilidade de material que recebi. Também foram hospedados 3 áudios a partir do aplicativo SoundCloud. As falas que foram incorporadas em áudio, foram escolhidas através do que julgamos ser mais significativo nas vivências das entrevistas, merecendo um destaque maior.

A reportagem possui o total de 7 gráficos, 11 fotos de acervo e 3 áudios. Simultaneamente ao processo de hospedagem, optamos pela plataforma online Medium, por considerá-la um espaço ideal para escritores, jornalistas, blogueiros e especialistas compartilharem ideias e histórias com o público. A plataforma oferece a possibilidade de personalizar a página pessoal, em um formato similar ao de blogs, além de facilitar a organização das reportagens, permitindo o uso de diversos recursos. A escolha por essa plataforma também se deu devido à sua praticidade e facilidade de hospedagem, dispensando a necessidade de programar uma página para publicar a reportagem na *web*.

Após diversos ajustes, adaptação e organização dos materiais, foi feita uma revisão geral e a grande reportagem foi concluída e postada no perfil Jornalistas Alagoanas⁵. No perfil, é exibida na página inicial

³ Disponível em: <https://www.datawrapper.de/>

⁴ Disponível em: <https://medium.com/>

⁵ Disponível em: <https://medium.com/@licia.lima>

4. RESULTADOS

Esta pesquisa concluiu que quando olhamos para o mercado de jornalismo em Alagoas, percebemos uma história de luta, resistência e, ao mesmo tempo, de desigualdade. Os números mais recentes coletados no Ministério Público do Trabalho (MTE) mostram uma queda significativa no número de jornalistas negras com registro formal de trabalho, que passaram de 34 em 2021 para 25 em 2022. Apesar disso, há um lado positivo: os salários médios dessas profissionais subiram 2,08%, no mesmo período. Ainda assim, o aumento não compensa a diminuição da presença dessas mulheres em um cenário que já é desafiador.

Essa realidade não é isolada. O cenário dos homens negros no jornalismo local também apresenta desafios. Entre 2021 e 2022, o número de jornalistas formais caiu de 31 para 26, enquanto os salários subiram 3,23%. Já para os profissionais brancos e homens, os dados revelaram um cenário diferente, já que nos mesmos anos avaliados, bem diferente da situação dos negros, os brancos experimentaram um aumento aproximado de 32,6% em seus salários. É como se as oportunidades para negros na comunicação estivessem se tornando cada vez mais restritas, mesmo com avanços pontuais na valorização financeira.

Em escala nacional, a desigualdade é ainda mais evidente. Quando visualizamos as evidências coletadas a partir da pesquisa da Abraji, onde 61,8% dos cargos gerenciais nas redações são ocupados por pessoas brancas, enquanto apenas 40,9% dessas posições têm profissionais negros. É revelado um problema estrutural na distribuição de poder e espaço dentro das redações.

Mas há esperança. Em Alagoas, temos exemplos inspiradores de superação e conquista. Profissionais como Géssika Costa, com mais de 24 prêmios locais e nacionais, Taís Albino, também premiada e membro de iniciativas inclusivas mostram que é possível romper barreiras. Assim como a jornalista Juliana Amaral, que usou os desafios da caminhada jornalística para se posicionar na esfera de grandes marcas nacionais.

Além disso, iniciativas como o portal Olhos Jornalismo estão mudando a narrativa, apostando na inclusão e na diversidade para dar voz a quem sempre esteve à margem. Esses projetos são essenciais para combater estereótipos e fortalecer a presença de jornalistas negros no mercado.

É importante destacar, porém, que a desigualdade regional ainda pesa. O MTE registra que no Nordeste, o salário médio dos jornalistas é de R\$5.183,00, bem abaixo do registrado

no Sudeste, que chega a R\$8.265,00. Esse abismo salta aos olhos e reforça a necessidade de maior valorização do trabalho feito fora dos grandes centros.

Portanto, enquanto celebramos avanços individuais e iniciativas inclusivas, não podemos esquecer que há muito a ser feito. O jornalismo em Alagoas e no Brasil ainda precisa se tornar um espaço mais igualitário, onde o talento e o esforço falem mais alto do que as barreiras impostas pela cor da pele ou pela origem regional.

REFERÊNCIAS

FERNANDES, C. M et.al. **Telejornalismo e Diversidade: Uma Análise da falta de representatividade de jornalistas negros no Jornal Nacional**. Revista Diversidade e Educação, v. 11, n.1 , p.518-546, 2023.

ALBUQUERQUE, C. **A representação do negro no telejornalismo brasileiro**. Monografia (Graduação em jornalismo), - Faculdade de filosofia e ciências humanas jornalismo, Universidade de Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, p. 53. 2016.

GOMES, Nilma Lino. **Políticas públicas e educação antirracista**. Brasília: MEC, 2017.

PORTAL, S. **A cor da mídia televisiva: A (in) visibilidade da jornalista negra na televisão paraense**. In: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação na Região Centro-Oeste, 28, 2016. Anais [...] Goiânia: Intercom, 2016. p. 1-15.

CASADEI, Eliza Bachega. **A inserção das mulheres no jornalismo e a imprensa alternativa: primeiras experiências do final do século XIX**. Alterjor. São Paulo, ano 2. V. 1. Ed. 3. p. 1-10, jan/jun.2011.

MOURA, Alice; REIS, Ingrid. **Jornalismo e Negritude: A representatividade da mulher negra na veiculação do jornal o liberal**. Aturá Revista Pan-Amazônica de Comunicação, Palmas, v. 3, n. 1, p. 103-122, jan-abr. 2019.

SODRÉ, Muniz. **Antropológica do espelho: uma teoria da comunicação linear e em rede**. Petrópolis: Vozes, 2002.

APÊNDICE

Reportagem completa em:

<https://medium.com/@licia.lima>